A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VANESSA REIS MENEZES

RESUMO

A infância é uma fase crucial para o desenvolvimento psicomotor da criança, e a ludicidade desempenha um papel importante nesse processo. Por isso, o tema deste trabalho é a musicalização no ensino, que se destaca pela ampla variedade de significados atribuídos à música. A música é uma ferramenta poderosa para o processo de ensino aprendizagem, e sua utilização nesse contexto é justificada pela sua capacidade de contribuir para a formação do professor e para a eficácia da musicalização. Este trabalho visa aprofundar a compreensão das múltiplas variáveis que compõem esse processo.

Para implementar a musicalização na educação infantil, é importante contar com profissionais qualificados e recursos adequados, como instrumentos musicais, materiais audiovisuais e bibliografia especializada. É fundamental que as atividades sejam adaptadas às características e necessidades de cada grupo de crianças, respeitando sua individualidade e promovendo a inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Musicalização. BNCC. Ensino Infantil.

INTRODUÇÃO

A música pode ser uma excelente ferramenta para integrar diferentes disciplinas dentro do projeto pedagógico de uma instituição de ensino infantil. Isso possibilita que os alunos expandam seu conhecimento ao relacionar os assuntos abordados em sala de aula com situações cotidianas.

No entanto, há um problema que precisa ser abordado: muitos profissionais da Educação Infantil não têm a formação adequada para utilizar a música de forma eficaz na sala de aula, com propósitos pedagógicos claros.

Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar a importância da musicalização e como ela pode contribuir para a construção de um ensino significativo. Além disso, é importante avaliar como os documentos referenciais, como a BNCC, podem auxiliar os professores na construção de um ensino crítico e significativo, que utilize a música de forma intencional.

1-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA A MÚSICA NA ESCOLA

A presença da música no ensino remonta a muitos séculos atrás, quando a música era vista como uma parte essencial da educação. Na Grécia Antiga, por exemplo, a música era considerada uma disciplina obrigatória para a formação dos indivíduos.

A música sempre esteve presente na vida das pessoas e, por isso, também esteve presente nos processos de ensino ao longo da história. A energia da música e do som é capaz de estimular o movimento interno e externo no ser humano, promovendo diferentes condutas e qualidades de ação. Gainza (1988, p.22) aponta que: “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no

“à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau”.

A música é capaz de expressar emoções e experiências de vida, tornando-se um elemento de grande importância na construção de uma relação saudável entre professor e aluno no ambiente escolar. É preciso respeitar o entendimento do aluno na recepção da letra da música, permitindo que a escola se torne um lugar de construção sensível e crítica. Conforme Martins, Picos que é Guerra (1998, p.43), a linguagem da arte propõe um diálogo de sensibilidades, promovendo uma conversa prazerosa entre o indivíduo e as formas de imaginação e sentimentos que ela desperta.

O termo música tem origem no grego musiké, que significa "arte feita para as musas". Na antiguidade, a música já fazia parte da vida das pessoas e era importante para a identidade cultural de cada povo ou país. Atualmente, a música ainda é um elemento presente na vida do ser humano, seja através de músicas folclóricas, canções religiosas ou produções da indústria musical. As crianças também são influenciadas pela música, mas de maneiras distintas dos adultos, pois interagem com o mundo de forma particular.

No contexto brasileiro, a presença da música no ensino remonta à época da colonização, quando os Jesuítas chegaram ao país com a missão de catequizar os índios. A música indígena, parte da cultura das tribos, já se encontrava em diálogo com as músicas de louvor trazidas pelos missionários. Com o uso da mão de obra escrava na colônia, várias populações africanas foram trazidas para o Brasil, carregando consigo sua cultura rica em música, dança e ritmos. No entanto, apesar de terem uma história e cultura próprias, os aspectos culturais dos povos africanos não eram valorizados na época da escravidão. Com o tempo, esses aspectos foram sendo incorporados na cultura brasileira, e muitos instrumentos de percussão e danças

foram introduzidos nesse processo, como o agogô, o berimbau, o maracatu e o cateretê, entre outros.

Na primeira metade do século XX, graças a influência do modo como a corte

portuguesa estruturou o ensino de música "inicia-se o gradativo processo de

desligamento da prática musical na escola regular, passando isto a acontecer nos conservatórios e academias, visando mais o aprendizado técnico da música" (PINTO, 1998, p.14). Nas escolas, ensinos primários e secundários, o ensino de música se reteve apenas aspectos técnicos da música, não levando os aspectos lúdicos da música, eram ensinados apenas reproduções de padrões existentes (PINTO, 1998).

Em 1942 cria-se o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, com a intenção de formar professor em nível de segundo grau, estes acabariam por serem os responsáveis pelo ensino de música na escola.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961, o ensino de música transformou o Canto Orfeônico em Educação Musical. Na LDB de 1961 a Educação Musical passou a ter um enfoque diferente: a música deveria ser sentida, tocada, dançada, além de cantada. Sugeria-se a utilização de jogos, instrumentos de percussão, rodas e brincadeiras, com a finalidade de promover e desenvolvimento auditivo e rítmico, além da expressão corporal e a socialização das crianças, que deveriam ser estimuladas a experimentar, improvisar e criar (CHIOCHETA; REIS 2016 p 4)

Em 1971, com o Brasil já na ditadura militar, a LDB 5.692, extingue o ensino de música como parte específica, neste momento, o ensino de música é incorporado à Educação

Artística, "Essa medida resultou no quase desaparecimento das atividades musicais na escola, devido à formação precária do educador que não dispunha de um amplo conhecimento dessa linguagem" (CHIOCHETA; REIS 2016 p 4).

A partir dos 1980 instaura-se o movimento Arte-Educação, que tinha como missão conscientizar e organizar a arte no contexto da educação, em ambientes formais, quanto informais da educação. Este movimento teve a função de pensar as problemáticas de seu tempo dado a quantidade de reformas recentes, além de outras influências da ditadura militar (CHIOCHETA; REIS, 2016).

Em 2008, foi sancionada a lei n. 11.769, estabelecendo o ensino obrigatório de música em escolas de Educação Infantil, representando uma mudança no panorama que estava estabelecido.

Neste sentido, observa-se que o ensino de música, mesmo que obrigatório como parte do currículo, não se enquadra como disciplina exclusiva. Os aspectos contemporâneos da musicalização serão contemplados no tópico 3 deste trabalho, onde será feita análise de documento referencial da área (BNCC).

2-MÚSICA NO PROCESSO ENSINO--APRENDIZAGEM

Ao afirmar que algo é arte, não apenas o consideramos como um objeto artístico, mas também como representante de um tempo, espaço e cultura. A arte pode ser um valioso recurso para o pedagogo no processo de construção do conhecimento, especialmente porque as crianças possuem uma natureza singular que as faz perceber e interpretar o mundo de uma maneira muito particular (BRASIL, 1998). As práticas envolvendo linguagens artísticas podem, portanto, ser muito frutíferas e contribuir para tornar o aprendizado em sala de aula mais atraente e significativo.

As várias formas de linguagem artística (teatro, dança, literatura, cinema, fotografia, música, manifestações populares, etc.) representam o mundo de forma estética, e são feitas a partir da sensibilidade do artista para com o mundo, neste sentido, o objeto artístico se tornam um fenômeno dialético, ou seja, (re)cria um diálogo com o mundo, possibilitado pela característica essencial da arte: o diálogo (FREIRE, 2001).

O diálogo é uma prática social. Por isto, precisa se dar dentro de condições sociais. Para uma descrição didática, vamos abordar aqui dois tipos de "condições": aquelas que dependem diretamente dos fatores sociais e institucionais e aquelas que estão mais ligados à postura que os próprios sujeitos assumem na relação de comunicação. Somos mais livres para expressar a nossa opinião e discutir as nossas ideias quando não tememos represálias externas. Mas também é importante ser reconhecidos pelos nossos parceiros de diálogo, ou seja, não temer perder a nossa identidade e/ou os nossos laços afetivos quando expressamos nossos pensamentos.... Assim, tanto a nossa postura diante do outro quanto a postura do outro diante da gente são fundamentais para se estabelecer um diálogo (AFONSO & ABADE, 2008, p 42).

O termo "Ludicidade" é amplamente utilizado no contexto educacional, especialmente por pesquisadores e professores da Educação Infantil. Trata-se de atividades li-

vres, que a criança escolhe participar ou não, e que são realizadas de maneira divertida e prazerosa, seja em grupo ou individualmente. É importante ressaltar que a Ludicidade não se limita aos jogos, brincadeiras e brinquedos, mas sim a todas as atividades que oferecem essa experiência.

A escola tem a função de apresentar e criar um senso estético e crítico em relação às diversas formas de arte, sejam elas materiais ou imateriais, como a música, o teatro, a dança, a pintura e a escultura. O ensino lúdico contribui para a integralização do conteúdo e para a interdisciplinaridade com outras áreas do currículo escolar. A música, por exemplo, pode ser utilizada como uma forma de auxiliar no processo de aprendizagem, permitindo que o aluno associe o aprendizado teórico com a prática vivenciada no seu cotidiano.

Paulo Freire destaca em sua Pedagogia da Autonomia a importância de possibilitar que o aluno se torne crítico a partir da reflexão sobre a prática. Assim, é fundamental que a escola adote práticas lúdicas que estimulem a curiosidade e a reflexão crítica sobre o mundo. A atividade lúdica, portanto, é uma forma de o indivíduo se relacionar consigo mesmo e com a coletividade, além de contribuir significativamente para o processo de aprendizagem.

A musicalização é o nome que se dá para uma construção de conhecimento, que tem como premissa o desenvolvimento musical, visto que este pode favorecer o senso rítmico, a imaginação, a memória, a concentração, atenção e autodisciplina. CHIARELLI (2005) demonstra que a musicalização contribui com o desenvolvimento cognitivo, linguístico e psicomotor da criança Enquanto linguagem universal, a música pode contribuir para assimilação de conteúdo, além de servir para a formação identitária e histórica dos alunos, visto que "sendo um dos instrumentos imprescindíveis para a compreensão da evolução das sociedades" (BARRO; MARQUES; TAVARES, 2018, p. 2).

A criança, por meio da brincadeira, relaciona-se com o mundo que descobre a cada dia e é dessa forma que faz música: brincando. Sempre receptiva e curiosa, ela pesquisa materiais sonoros, inventa melodias e ouve com prazer a música de diferentes povos e lugares.

(JOLY, 2003, p 116 apud COSTA e FERREIRA, 2016).

A educação e o processo de ensino-aprendizagem formam a escola como um lugar dialético, o que significa dizer que diversos discursos convivem ao mesmo tempo, criando-se e recriando, neste sentido a escola como lugar onde os conhecimentos da humanidade são apreendidos. Para isto acontecer de forma efetiva, a musicalização pode contribuir para um aprendizado de qualidade, pois

Tendo uma importância social marcante e sendo entendida como uma

Ciência da Arte por conter aspectos ligados à Matemática, à Física, às Humanidades e Arte especificamente, está presente nas vivências cotidianas, transmitindo mensagens, ou até mesmo expressando ideias individuais ou coletivas, que por sua vez podem representar o pensamento hegemônico de um determinado recorte histórico, ou ainda um contraponto no sentido de favorecer a luta por um ideal de liberdade, como por exemplo, as diversas fases sociopolíticas e econômicas do Estado Brasileiro, que foram e são retratadas no panorama musical do país, constituindo-se em um instrumento poderoso, se bem utilizado, para compreensão interdisciplinar dos conteúdos apresentados no currículo da Educação Básica (BARRO;

MARQUES; TAVARES, 2018, p 2)

3-MÚSICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Refletir sobre a prática pedagógica e a dinâmica da sala de aula é essencial para que o professor possa construir um ensino mais efetivo e significativo para seus alunos. É necessário considerar as subjetividades e contextos sociais dos estudantes, criando um ambiente de diálogo e respeito mútuo, onde o aprendizado seja uma construção coletiva e democrática.

Para isso, o professor deve estar sempre em constante aprendizado, buscando atualizar seus conhecimentos e se adaptando às novas realidades e demandas educacionais. É importante que ele esteja aberto ao diálogo com os alunos, escutando suas dúvidas e sugestões, e buscando formas de tornar o conteúdo mais acessível e interessante para todos.

Nesse sentido, a pedagogia de Paulo Freire é muito importante, pois ela propõe um ensino que parte das experiências e vivências dos alunos, tornando-os sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Segundo Freire, o professor deve atuar como um facilitador, auxiliando o aluno a explorar suas potencialidades e a construir seu próprio conhecimento de forma crítica e reflexiva.

Assim, a reflexão sobre a práxis docente e a busca por uma educação mais democrática e participativa são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerando os inúmeros currículos para a realização da prática cotidiana em sala de aula, surge a necessidade de se pensar uma base curricular que possa abarcar todas essas peculiaridades. Já na Constituição Federal de 1988 indicava-se a necessidade de se criar "conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira que assegurasse a formação básica comum" (BRASIL, 1988). Tal expectativa foi confirmada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nos documentos oficiais que seguiram a LDB, tais como Parâmetros

Curriculares (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (AGUIAR; DOURADO, 2018). A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) começou a ser pensada a partir da consolidação de metas do Plano Nacional de Educação (PNE), realizado em 2014, tendo a finalidade de estabelecer quais são os conteúdos entendidos como fundamentais, de crianças e adolescentes (de 0 a 14 anos) de todo o Brasil. Depois de muito debate e articulação, em 20 de dezembro de 2017 foi homologada, sendo que deve ser implementada em todo território nacional no prazo máximo de dois anos (AGUIAR; DOURADO, 2018).

A temática Base Nacional Comum não é um assunto novo. Está prevista na Constituição de 1988 para o Ensino Fundamental, e foi ampliada para o Ensino Médio com a aprovação do Plano Nacional de

Educação (PNE), a partir da Lei 13.005/2014, em consonância com a

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – LDB, que define as

Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (AGUIAR; DOURADO, 2018, P 15)

A BNCC é um documento, com 472 páginas, que possui um conjunto de aprendizagens essenciais, todas as escolas do país, privadas ou públicas, possuem uma referência obrigatória para construção de suas práticas de ensino-aprendizagem, cerca de 36 milhões de alunos e 2 milhões de professores são atingidos pela criação do referido documento (AGUIAR; DOURADO, 2018). Assim como a arte auxilia na construção do conhecimento valorizando a natureza singular de cada criança, a música entra como ferramenta fundamental, auxilia na comunicação, desperta a curiosidade e a sensibilidade do aluno, possibilita expressar pensamentos, opiniões e até mesmo cultura, a música transforma o ambiente que o aluno está inserido e dá a liberdade do mesmo se posicionar, e assim se torna um indivíduo mais crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível afirmar que a inclusão da música no contexto escolar pode trazer inúmeros benefícios para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos e para a construção de uma sociedade mais crítica e sensível. Além disso, a BNCC reconhece a importância da música como componente curricular, o que reforça ainda mais a necessidade de sua valorização e implementação nas escolas de todo o país. Cabe aos professores e gestores escolares buscar formas de incluir a música de forma criativa e significativa em suas práticas pedagógicas, tornando-a uma ferramenta de transformação social e cultural.

O uso da musicalização como ferramenta no ambiente educacional é um tema importante e que deve ser abordado de forma mais efetiva na formação dos profissionais da educação. Apesar da falta de uma disciplina específica sobre o assunto no ensino superior, é necessário que os profissionais busquem se adaptar e compreender a importância da música de forma intencional na sala de aula. A formação continuada é essencial para que o profissional possa atuar de forma mais efetiva, considerando os conhecimentos adquiridos e

as rápidas e diversas mudanças no contexto educacional. É fundamental que esse trabalho seja continuado e aprofundado, visando melhorar a educação e compreender as necessidades dos alunos de forma mais completa.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, M. L. M.; ABADE, F.L..Para reinventar as rodas. Belo Horizonte, 2008. AGUIAR, Márcia Angela da. DOURADO, Luiz Fernandes. A Bncc na Contramão do PNE 2014-2024: Avaliação E Perspectivas. [Livro Eletrônico]. – Recife: ANPAE, 2018.

AMARILHA, M. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis:

Editora Vozes.

BARROS, Rosa Maria Rodrigues. MARQUES, Letícia Coleoni. TAVARES, Luíza Sharith Pereira. A importância da música para o ensino-aprendizagem na educação infantil: reflexões à luz da psicologia histórico-cultural. IVCOLBEDUCA e II CIEE 24 e 25 de Janeiro de 2018, Braga e Paredes de Coura, Portugal.

BORGES, Liliam Faria Porto. Educa-

ção, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács.

Natal: Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul./set. 2017. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 2017.

CAMELO, Marco Antônio da Costa. A literatura infantil e infanto-juvenil em sala de aula e as questões curriculares. Revista Cocar, v.3, n.6, p.77-86, 2009.

CHIOCHETA, Lucilene Fagundes. REIS, Marcos Adelmo dos. Música na Educação Infantil.

2016 Disponível em

http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wcontent/uploads/2016/03/TCCLucilene-FagundesChiochetta.pdf

COELHO, Raquel. Música. São Paulo: Formato, 2006. COSTA, Lúcia Regina Baptista.

FERREIRA, Simônica da Costa. A Música na Educação Infantil.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GAINZA, Violeta Hemsy de. Estudos de Psicopedagogia Musical. 3. ed. São Paulo:

Summus, 1988.

GATTI, Bernardete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. Revista Brasileira de Educação, vol. 13, núm. 37, enero-abril, 2008, pp. 57- 70. Disponível em: http://ref.scielo.org/gsy9pd

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando.

A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos.

Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. HUIZINGA, J. H. L. Homo Ludens: o jogo como elemento de cultura. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996, 236p.

LIMA, Solyane Silveira. TELES, Tamires Santos. Música de ver Deus: A música como instrumento jesuítico de educação e conversão indígena na América portuguesa (séculos XVI e XVII), 2016.

LOPES, V. G., Linguagem do Corpo e Movimento. Curitiba, PR: FAEL, 2006.

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a Pedagogia Moderna. Trad. Newton Ramos-de Oliveira. São Paulo: Cortez, 1991

MARTINS, M. C. F. D; PICOSQUE, G. GUERRA, M. Didática no ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 19